



Recebido em 13/11/2019  
Aprovado em 13/12/2019

# Justiça e piedade na tragédia “As Suplicantes” de Eurípides<sup>1</sup>

## Justice and Godliness in Euripides’ *Suppliant Women*

Jaa Torrano<sup>2</sup>

e-mail: [jtorrano@usp.br](mailto:jtorrano@usp.br)

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5445-3780>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i2.30551>

**RESUMO:** Tendo em vista que a questão da justiça é o fio condutor das tragédias de Eurípides e que o enredo (entendido como “a combinação dos fatos”, *sýnthesin tón pragμάτων*, Aristóteles, *Poét.* 1450a4-5) é uma imagem diegética da noção mítica de Justiça, a leitura parte por parte da tragédia *As Suplicantes* de Eurípides mostra que – nomeada ou não – a Justiça, filha de Zeus, se manifesta no horizonte temporal do curso dos acontecimentos, punindo transgressões e impiedades dos mortais. Se a Justiça é divina por ser um dos aspectos fundamentais do mundo, a piedade reside nas decisões e atitudes dos mortais, que os tornam gratos aos Deuses imortais. A punição dos Deuses aos mortais tende a ser antes coletiva que individual, mas a graça dos Deuses aos mortais, antes individual que coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eurípides; *As Suplicantes*; justiça; piedade; tragédia grega

**ABSTRACT<sup>3</sup>:** Given that the matter of justice is the guiding thread of Euripidean tragedies and that the plot (understood as ‘the combination of facts’, *sýnthesin tón pragμάτων*, Aristotle, *Poet.* 1450a4-5) is a diegetic image of the mythical notion of Justice, the part-by-part reading of the tragedy *Suppliant Women* by Euripides shows that – named or not – Justice, daughter of Zeus, manifests herself in the temporal horizon of the course of events, punishing transgressions and wickedness of mortals. If Justice is divine for being one of the fundamental aspects of the world, godliness lies in the decisions and attitudes of mortals, which make them grateful to the immortal Gods. The punishment of the Gods to mortals tends to be collective before being individual, whereas the grace of the Gods to mortals tends to be individual before being collective.

**KEYWORDS:** Euripides; *Suppliant Women*; justice; godliness; Greek tragedy

<sup>1</sup> A tradução da tragédia *As Suplicantes*, que acompanha este estudo, encontra-se na seção “Traduções” e pode ser acessada diretamente pelo seguinte DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i2.30552>

<sup>2</sup> Professor Titular de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo, Brasil.

<sup>3</sup> By Jana Graef.



No monólogo prologal, diante do templo de Deméter em Elêusis, Etra pede à Deusa que lhe dê felicidade e ao seu filho, o rei Teseu, à sua cidade adotiva Atenas e à sua pátria Trezena. Em contraste, enlutados ao seu redor estão o coro de anciãs argivas ajoelhadas com ramos súplices e de pé o rei argivo Adrasto, e já lhe suplicaram que exortasse o filho, o rei Teseu, a resgatar os sete chefes, mortos no ataque a Tebas e retidos insepultos pelos tebanos vencedores. O arauto foi chamar o rei para decidir se atende ou expulsa os suplicantes.

Visto que ao iniciar o drama o coro já se encontra na orquestra, em vez de párodo (o canto da marcha de entrada do coro na orquestra), temos um estásimo (canto de dança estacionária circunscrita à orquestra). Na primeira estrofe, o coro de anciãs reitera a súplica pelo resgate de seus filhos mortos insepultos entregues ao repasto de feras montesas; na primeira antístrofe, descreve seus gestos de luto ritual pelos mortos retidos em terra alheia. Na segunda estrofe, apela à solidariedade materna da rainha para que persuada o próprio filho a resgatar os mortos em Tebas; na segunda antístrofe, reconhece o ilícito de interromper as preces da rainha à Deusa Deméter pela fertilidade do solo, justifica-se com o caráter coercitivo e a justiça de sua causa, e reitera a súplica pelo resgate dos mortos. Na terceira estrofe, apresenta como “luta de gemidos” (*agón... góon*, *Sup.* 71) a alternância do canto e exorta os coristas alternantes ao ritual do luto e escarificação das faces com as unhas; na terceira antístrofe, compara o conforto renovado do pranto ao fluxo incessante da pedra batida por ondas, e exalta a dor dos filhos mortos como inesquecível.

No primeiro episódio, Teseu chega a Elêusis, vindo de Atenas, não chamado pelo arauto, mas preocupado com a mãe ausente há tempo e com o rumor do pranto ritual. Etra lhe apresenta as suplicantes como mães dos sete chefes mortos às portas de Tebas e dá-lhes a palavra. Teseu interpela Adrasto, que na esticomítia explica a causa de sua expedição contra Tebas, acusando os tebanos de injustiça contra seu genro Polinices (*Sup.* 152) e qualificando a expedição como “fazer justiça” (*Sup.* 154), mas Teseu o contesta cobrando consultas a adivinhos (cf. *Hip.* 1321: Ártemis reprova Teseu por não consultar adivinhos antes de imprecicar contra o filho).

Adrasto prostrado abraça o joelho de Teseu; renova a súplica em nome das anciãs impedidas de honrar os filhos mortos; argumenta que é sábia a simpatia recíproca entre os ricos e os pobres, e entre os de boa sorte e os de má sorte, bem como é justa a afinidade prazerosa entre o compositor de hino e os que o ouvem; e, valendo-se de prévia refutação a eventual redirecionamento de sua súplica aos espartanos, conclui com o descrédito de Esparta e com o louvor de Atenas e de seu rei. O coro confirma as palavras de Adrasto e pede compaixão.

Teseu refuta as palavras de Adrasto, recriminando-o por dar as filhas em casamento a injustos (o que implica a possibilidade de outra, não mencionada, interpretação do oráculo de Apolo, que não a aceita por Adrasto, *Sup.* 138, 220-225), pois assim se associou a injustos na punição divina (bem entendido que a punição divina é coletiva, não discriminatória nem distributiva, *Sup.* 226-228). Teseu nega a proclamada justiça da expedição de Adrasto contra Argos, por ter sido contrária aos vaticínios de Anfiarau (*Sup.* 168, 230) e por ter sido motivada por jovens ávidos de poder e sem justiça (*Sup.* 231-237). Analisada a motivação dos sete chefes contra Tebas, Teseu generaliza distinguindo três classes e suas ações no interior do estado, ações salutaras da classe média e ações ruinosas tanto dos ricos quanto dos despossuídos, sendo os setes chefes identificados com os ricos, marcados pela pleonexia e pela transgressão, tão injustas quanto ruinosas. Visto que não se deve associar-se a injustos, por ser ruinoso, Teseu rejeita essa aliança e despede os forasteiros.

Adrasto aceita resignado a recusa de Teseu e exorta o coro de anciãs a partir, abandonando os ramos de suplicantes e tendo os Deuses Terra, Deméter e Sol por testemunhas da inutilidade de suas preces. Sem compartilhar a desistência de Adrasto, o coro interpela Teseu e reitera o gesto e a fala de súplica, apelando à ancestralidade comum que os une, Teseu e argivos, como descendentes de Pélops, e evocando tanto a solidariedade comum dos viventes quanto a imprevisibilidade das vicissitudes comuns dos mortais.

Teseu percebe a comoção de Etra pela súplica das anciãs e a incentiva a manifestar-se. Etra argumenta que a piedade com os Deuses e a honra ante as cidades demandam a seu filho que cesse as violações das leis da Grécia por homens violentos e que dê a cota de tumba e funerais aos mortos; assim, sua pátria terá grandeza e seu filho agirá com justiça.

Teseu confirma sua recriminação a Adrasto por decisões errôneas, aceita os conselhos de Etra e propõe-se a resgatar os mortos mediante persuasão ou, se necessário, pela força, mas após consultar os cidadãos, dos quais espera apoio e adesão.

No primeiro estásimo, durante o retorno de Teseu a Atenas para consultar a assembleia e mobilizar a tropa, o coro enaltece a decisão magnânima e piedosa do rei, prevê a gratidão de Argos por esse benefício, espera que se cumpra a “faina reverente” (*eusebès pónos*, *Sup.* 373) com os funerais de seus filhos, e exorta Atenas à defesa das mães, das leis, da justiça e de todos os de má sorte.

No segundo episódio, Teseu instrui o seu arauto da mensagem de reivindicação amistosa ao rei tebano, acrescentando a alternativa de declaração de guerra, caso não atendida a reivindicação, quando percebe a chegada do arauto tebano, que dispensaria o seu arauto dessa incumbência, mas que, ao abrir a boca, já deflagra um debate (*agón*).

Este *agón* tem a peculiaridade de se dar sucessivamente em torno de dois temas: primeiro, as respectivas vantagens da democracia e da realeza (*Sup.* 399-466), depois, a interdição e reivindicação dos funerais dos sete chefes (*Sup.* 467-580).

A palavra “rei” (*týrannos*, *Sup.* 399) na pergunta inicial do arauto tebano suscita na resposta de Teseu o louvor da liberdade (*eleuthéra pólis*, *Sup.* 405) e da democracia (*dêmos anássei*,

*Sup.* 406), em que o pobre participa do poder igual ao rico. O tebano defende a superioridade de seu regime político, a monarquia, por excluir tanto os demagogos manipuladores e ávidos de lucro pessoal, quanto os que, por serem pobres e forçados a trabalhar, não têm a visão dos interesses comuns. Teseu aponta a habilidade retórica e o convite ao debate no arauto tebano, expõe mais amplamente os graves danos do governo autocrático para a vida pública e privada e as vantagens da justiça e da igualdade promovidas pela democracia; e por fim indaga o que o arauto quer e repreende-lhe a eloquência inoportuna.

O arauto tebano admite a divergência sobre regimes políticos (*Sup.* 465–466) e passa a tratar da interdição dos funerais: falando na primeira pessoa como representante do rei tebano Creonte, proíbe a entrada de Adrasto em Atenas e, caso tenha entrado, ordena que seja expulso ainda que se viole a sacralidade dos ramos suplicatórios, ou, então, o descumprimento dessa ordem suscitará guerra (*Sup.* 467–475). Num tom mais cortês e aconselhador, pede moderação, adverte do ludíbrio da esperança inconfiável que leva à guerra e à ruína, e exalta a Deusa Paz como amiga das Musas, inimiga das Punições, propícia aos filhos, dadora de riqueza e contrária à sujeição dos mais fracos (*Sup.* 476–493). Argumenta os chefes argivos não merecem que se empenhe em resgatá-los porque sucumbiram à própria soberbia, punidos pela justiça dos Deuses (*Sup.* 494–505). Por fim, estabelece que se devem amar primeiro os filhos, depois os pais e a pátria, e conclui com a condenação da audácia como causa de ruína e com o elogio da quietude como verdadeiras bravura e prudência (*Sup.* 506–519).

Com formal intervenção de um dístico, o coro antecipa o principal contra-argumento de Teseu: a punição dos sete chefes por Zeus é suficiente, a interdição de funerais por tebanos é “soberbia” (*hýbris*, *Sup.* 512).

Teseu rebate a intromissão indevida de Adrasto (*Sup.* 513–515), e propõe-se a responder primeiro os primeiros itens: não tem por que receber ordens de Creonte, nem desencadeou a guerra nem atacou Tebas (*Sup.* 518–523); honrar os mortos é justo, e consuetudinário entre os gregos (*Sup.* 524–527); punidos com a morte os invasores, assim se cumpriu a justiça (*Sup.* 528–530); os funerais não só atendem à ordem natural, pois os corpos retornam à terra e o espírito, ao “céu” (*aithéra*, *Sup.* 533), mas também atendem a valores cívicos, pois sua privação faria tíbios os valentes (*Sup.* 531–541); não há motivos para temer que se inumem os mortos, mas as vicissitudes da sorte recomendam aos mortais cautela e moderação na desforra (*Sup.* 542–557). Por fim, Teseu reitera o seu propósito de honrar os mortos, por bem, ou à força (*Sup.* 558–563).

Na esticomítia, com irônica cortesia, o arauto tebano reafirma a interdição dos funerais, Teseu confirma o propósito de os realizar, e a ironia ressoa na extrema polidez dessa recíproca ameaça de guerra (*Sup.* 566–580). Por fim, Teseu despede o arauto tebano, convoca hoplitas e aurigas, propõe-se a operar em Tebas como seu próprio arauto, e ordena que Adrasto não o acompanhe, para não lhe conspurcar a tarefa, mas para essa nova lida pede a companhia de seu Nume e a aquiescência dos Deuses justos (*Sup.* 581–597).

No segundo estásimo, na expectativa do resultado da missão de Teseu em Tebas, dois semicoros se alternam, um abertamente apavorado, o outro supostamente confiante, no exame da situação e da possível intervenção da justiça dos Deuses. Na segunda estrofe imaginam como poderiam ir a Tebas e ver a sorte do rei de Atenas: se um Deus os fizesse alados. Na segunda antístrofe, movidos de pavor invocam os Deuses e pedem benevolência a Zeus, ligado a Argos como ancestral de Dânao através de Io e Épafos, filho de Io, e pedem ainda a Zeus que resgate do ultraje para a pira os filhos mortos insepultos, designando-os “ícone” e “suporte” (*ágalma, ídryma, Sup. 632*) de Zeus.

No terceiro episódio, o mensageiro, que fora servo de Capaneu e prisioneiro em Tebas desde a guerra anterior, anuncia a vitória de Teseu (*Sup. 634-640*) e a salvação da tropa ateniense, em contraste com a expedição de Adrasto (*Sup. 644-646*), e faz um relato circunstanciado da batalha, concluindo com o elogio de Teseu e a condenação da soberba (*Sup. 650-730*). O coro, ao ver o dia inesperado, reconsidera sua atitude perante os Deuses e julga menor o seu infortúnio porque seus inimigos “pagam pena de justiça” (*Sup. 731-733*).

Adrasto interpela Zeus, repreendendo-o por seu consentimento aos erros dos mortais; assume a culpa da guerra anterior, eximindo Etéocles da infeliz iniciativa; exalta a palavra como instrumento de diplomacia, condenando o recurso à guerra em vez da palavra; enfim, como se retornasse ao presente, indaga o mensageiro como se salvou (*Sup. 734-751*). Na esticomítia, o mensageiro responde que se safou valendo-se do tumulto da guerra; revela o traslado dos sete chefes para Elêusis (o número sete tem valor emblemático, pois o tebano Polinices teria permanecido em Tebas e Anfiarau foi tragado pela fenda aberta no solo), e o empenho pessoal de Teseu nos ritos funerários dos demais mortos, sepultados em Elêuteras; Adrasto acabrunhado exprime o desejo de ter morrido com eles, o que o mensageiro declara “vãs lamúrias” (*Sup. 752-770*). Adrasto anuncia que se retira para participar do pranto ritual dos mortos (*Sup. 771-777*).

No terceiro estásimo, na primeira estrofe, o coro contrasta a glória da cidade e a honra dos estrategos com a dor lúgubre das mães, para quem no resgate inesperado dos filhos colidem o belo espetáculo e a maior dor de todas. Na primeira antístrofe, exprime o desejo de não terem sido casadas e de não terem tido filhos, pois despojadas dos filhos têm muito claro o mal.

Seguem, na voz do coro, a rubrica de que os corpos já estão na orquestra e a expressão ritual do desejo de morrer junto com os mortos (*Sup. 794-797*). No *kommós*, Adrasto e o coro se alternam no pranto ritual: na segunda estrofe, saúdam os mortos, gemem as dores, e interpelam Argos se os vê na atual miséria; na segunda antístrofe, Adrasto lastima a morte não merecida (contrariamente ao que se conta neste drama, cf. *Sup. 155-161, 494-505, 738-739*), as mães imploram que lhes deem abraçar os mortos, Adrasto faz voto de ter morrido na batalha, e as mães, de não se terem casado; no epodo, o coro faz os gestos ritualísticos de escarificação com as unhas e de verter cinzas na cabeça, Adrasto reitera com variações os votos de morrer, e o coro constata que teve amargas núpcias, amargo oráculo de Febo, e que a Erínis da casa de Édipo abateu os arquivos.

No quarto episódio, Teseu anuncia que renunciará à pergunta que, durante o pranto ritual, tinha para o coro de mães (*Sup.* 838–839), não revela qual seria a pergunta, mas indaga de Adrasto como eles, os mortos e agora resgatados, foram notáveis pela valentia, dando três razões para essa pergunta: o conhecimento advindo da experiência de Adrasto, a oportunidade de instruir os jovens cidadãos – entre os quais provavelmente os órfãos de guerra, ao atingirem a maioria política, presentes no teatro para a cerimônia de outorga da panóplia – e a recente experiência (“vi”, *eídon*, *Sup.* 844) do próprio Teseu no combate aos mesmos adversários dos mortos.

A oração fúnebre é uma prestigiosa instituição ateniense que na época clássica integrava os funerais públicos em honra dos mortos em defesa da cidade (cf. Tucídides II, 34). A incumbência desse discurso não deixa de ser uma reabilitação de Adrasto e, em certo sentido, uma retratação de Teseu ante Adrasto e ante os chefes mortos no ataque a Tebas (cf. *Sup.* 229–237). Mas nesse elogio de Adrasto a essas personagens, tradicionalmente malvistas e antes reprovados por Teseu nesta mesma tragédia, não ressoa a ironia sarcástica de Eurípides contra o instituto político da oração fúnebre? – A meu ver, não necessariamente, porque antilogias, tensão e antagonismo de pontos de vista contrapostos caracterizam não só a tragédia como gênero literário, mas também a cultura ateniense contemporânea da tragédia. Além disso, na oração fúnebre vale o princípio *de mortuis nil nisi bonum* (“dos mortos não se diz senão bem”), incorporado pelas leis de Sólon à tradição grega (cf. Tucídides, II, 42; Platão, *Menex.* 234 c; Plutarco, *Sol.* 21, 1).

Adrasto se propõe a falar “com verdade e com justiça” (*alethé kai díkai*, *Sup.* 859). Vale-se de eufemismo ao dizer “dardo violento” (*labròn bélos*, *Sup.* 860) o raio de Zeus que transpassou Capaneu, em contraste com ênfase na justiça da punição divina no trocadilho do arauto tebano (*Kapaneüs... kapnoútai* “Capaneu fumega”, *Sup.* 496–497), e faz um retrato conciso e compassivo, louvando a moderação, veracidade, lealdade e afabilidade do herói – retrato que ganha inesperada credibilidade com a inesperada cena de Evadne no quinto episódio. Com Etéoclo, Adrasto exemplifica a probidade imune à ganância e o civismo. Com Hipomedonte, cujo nome significa “cuidador de cavalo” (cf. *Sup.* 886), exemplifica a aliança da austeridade rústica com o civismo. Com Partenopeu, explicita novos aspectos do civismo sugeridos pela composição do nome (*Partheno-paios*, “moça-menino”). Com Tideu, exalta a competência militar em termos de dotes intelectuais. Por fim, exalta a boa educação por resultar em aquisição perene de bom caráter e de honradez, com o que se supõe que os heróis encomiados a tenham recebido quando jovens.

O coro lamenta a má sorte de se mostrarem vãs as suas fadigas do parto e da criação, Hades ter o fruto dessas fadigas, e as mães desses filhos não mais terem o sustento da velhice (*Sup.* 918–924).

Teseu faz o elogio dos mortos cujos corpos estão ausentes, Anfiarau e Polinices: reverte as palavras do arauto tebano sobre a morte de Anfiarau, considerando-a não uma punição divina, mas um claro elogio dos Deuses (*Sup.* 925–927, cf. *Sup.* 500–501); declara Polinices ter

sido seu hóspede antes do exílio de Tebas em Argos, com o que implicitamente legitima o elogio pela participação comum de ambos em Zeus Hóspede, ainda que não mencionado (*Sup.* 928-931). Teseu propõe que, conforme manda a tradição, Capaneu, golpeado pelo raio de Zeus, seja sepultado à parte, e todos os demais incinerados numa única pira, e propõe ainda que as mães não vejam os corpos antes que sejam cremados, para evitar a insuportável dor de vê-los desfigurados. Adrasto acata ambas as propostas, e em seguida condena a guerra, e louva a quietude política como o cessamento de todos os males – o que é antes expressão de seu arrependimento que de sua lucidez, pois o resgate de seus mortos só se deu pelo recurso à guerra.

No quarto estásimo, na primeira estrofe, o coro de anciãs lamenta não mais ter filhos nem idade em que Ártemis parteira as pudesse interpelar, e assim ter a vida sem abrigo nem direção. Na primeira antístrofe, o coro, ainda que composto de quinze coristas e somente quatro das sete mães sejam argivas (as mães de Polinices e Tideu são tebanas, a de Partenopeu, árcade), se declara “as sete mães dos sete filhos”, explicando o valor emblemático, não aritmético, desse número “sete”, neste caso, como o quinhão da miserável velhice não incluída nem entre os mortos nem entre os vivos. No epodo, enumera os sinais do luto doméstico, tumbas, tonsuras, cantos sem participação em Apolo de áureos cabelos, e prantos incessantes.

No quinto episódio, o coro menciona o recém-erguido túmulo de Capaneu (cf. *Sup.* 938) e ofertas de Teseu aos mortos, possivelmente tecidos e tapeçarias a serem incinerados com os mortos, e anuncia a aparição de Evadne, esposa de Capaneu e filha do rei Ífis, no alto do penhasco que domina a casa (*skené*). Vestida de noiva, Evadne em uma estrofe evoca o dia de suas núpcias com Capaneu em Argos e anuncia a intenção de pôr fim às fadigas lançando-se de um salto à pira em que ardem os restos de seu marido (a pira estaria ao lado da casa atrás de muro, acima do qual se veria fumaça); e na antístrofe associa o salto suicida à bela glória, à união amorosa com o marido, à fidelidade conjugal, ao leito de Perséfone e à ritualística procissão nupcial com archotes.

Na cena seguinte, o velho rei Ífis se queixa de dupla dor, pelo filho Etéoclo, cujas cinzas deve reconduzir à pátria, e pela filha Evadne, que escapou de sua vigilância e saiu de casa querendo morrer com o marido. Na esticomítia, confrontam-se a dor amarga do pai impotente no chão e o delírio jubiloso da filha incontrolável no alto do penhasco. Primeiro, a exclamação do coro designa a execução do salto suicida e, depois, a interrogação do coro ao pai assinala o prosseguimento da cremação da filha ainda viva na pira do marido (*Sup.* 1072 e 1075).

Na terceira cena, o velho, a sós com o coro, reflete que os mortais deveriam ter duas vidas consecutivas, para corrigir na segunda vida o eventual erro cometido na primeira, pois, se assim fosse, para evitar essa dor de perder os filhos, nem os teria desejado nem os teria tido (*Sup.* 1080-1093, cf. 789-793). Indaga-se o que fazer, perante a solidão em casa e o impasse na vida, perante a ausência da filha e sem os doces carinhos que ao visitá-la recebia. Quer que o levem para casa e o entreguem às trevas para consumir-se em jejum e morrer (*Sup.* 1094-1106).

Pergunta-se que lhe valerá tocar as cinzas do filho (*Sup.* 1107). Por fim, execra não só a velhice, mas também as tentativas de prolongar a vida e de contornar a velhice (*Sup.* 1108-1113).

O quinto estásimo é, a rigor, o segundo *kommós*, canto plangente e lutuoso, alternado entre o semicoro das crianças órfãs dos chefes mortos e o semicoro das anciãs mães dos chefes mortos, durante o qual os netos trazem nas urnas funerárias as cinzas dos pais para entregar às avós, referindo-se a estas como “mãe” (*mâter*, *Sup.* 1124).

Na primeira estrofe, ambos os semicoros ponderam quão pouco (*olígoi/olígon*, *Sup.* 1126/1129) é o pó funerário recebido em troca do convívio paterno ou dos corpos outrora formosos em Micenas (Argos). Na primeira antístrofe, as crianças reproduzem o lamento de Ífis ante a solidão da casa erma (*eremían/éremon*, *Sup.* 1095/1132), as anciãs variam as manifestações de frustração e de desamparo ante a morte dos filhos (*Sup.* 1134-1137, cf. 918-924, 955-970). Na segunda estrofe e antístrofe, as crianças introduzem o propósito da vindita e votos de justiça divina como a inspiração do porvir; as anciãs, enlutadas, em resposta à menção à vindita, se perguntam se o mal não dorme mais. Na terceira estrofe e antístrofe, ambos os coros acrescentam as nuances de saudades às expressões de luto.

No êxodo, Teseu pede a Adrasto e às mulheres argivas o reconhecimento do resgate e a perpétua gratidão a Atenas pelo benefício. Adrasto declara reconhecimento, promete gratidão perene e retribuição, e se despede, quando intervém a epifania de Atena.

O âmbito da Deusa Atena é a sabedoria prática e sua aparição nesta tragédia, bem como no êxodo das tragédias de Eurípides *Ifigênia em Táurida* e *Íon*, concerne à decisão sobre a forma de conduzir determinada ação de modo a se chegar ao melhor resultado para si mesmo e demais envolvidos nessa ação. Essa circunspeção iluminada da Deusa, surgida no alto da casa (*skené*) ou, talvez, em voo *ex machina*, contrasta com o anterior desvario suicida de Evadne no alto do penhasco.

A Deusa primeiro se dirige a Teseu, identifica-se e adverte-o de não entregar tão facilmente as cinzas funerárias aos jovens, mas mediante juramentos do rei Adrasto, em nome de todos os argivos, que em retribuição os obriguem à aliança defensiva de Atenas, instruindo-o a seguir sobre os termos, os ritos e as circunstâncias dos juramentos. Depois, a Deusa se dirige aos de Argos, e prevê que os meninos, quando adultos, pilharão Tebas por justiça à morte dos pais e, ditos “epígonos”, serão celebrados nos cantares dos pósteros; assim a Deusa respalda e corrobora a aspiração à vindita, manifesta pelo coro de crianças, como a forma própria de, no estado tribal, dar cumprimento à justiça.

Teseu acolhe as instruções de Atena e dispõe-se a cumpri-las, expressando seu reconhecimento à Deusa pela segurança de Atenas. O coro de anciãs exorta Adrasto a fazer os juramentos, e todos em procissão partem para a cidade de Atenas, onde estão os apetrechos necessários para fazê-los.

## Referências bibliográficas:

- EURIPIDES. *Suppliant Women Electra Heracles*. Edited and Translated by David Kovacs. Harvard University Press, 1998.
- EURIPIDES. *Suppliant Women*. With Introduction, Translation and Commentary by James Morwood. Oxford: Aris & Phillips, 2007.
- GRUBE, G. M. A. *The Drama of Euripides*. London: Methuen, 1961.
- STOREY, Ian C. *Euripides: Suppliant Women*. London: Duckworth, 2008.

